



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido
Operário Revolucionário
Ano XVII - Especial FORD
25 de janeiro 2021

(11) 99990 3179

nossa.classe@hotmail.com www.pormassas.org

Política operária

CHEGAMOS A UM MOMENTO DIFÍCIL. É preciso que as direções dos sindicatos mudem a sua política.

Companheiros da Ford, a montadora não vai arredar pé em sua decisão, a não ser que mudemos o caminho de nossa luta. Está claro que, se ficarmos passivos, perderemos os empregos. Nossas assembleias e vigílias precisam mudar o rumo de nossa luta. **É preciso ocupar as fábricas que estão sendo fechadas, de maneira unificada.**

Companheiros, não devemos aceitar que as direções dos três sindicatos (Taubaté, Camaçari e Horizonte) negociem os nossos empregos em troca de indenizações. Temos de reagir e dizer que não aceitamos trocar demissões por indenizações. Temos de dizer que os empregos são a única fonte de nosso sustento, de nossa existência. O dinheiro da indenização acaba logo. Um novo emprego é muito difícil de encontrar. A maioria de nós cairá no subemprego.

Não podemos nos iludir com os números negociados entre a Ford, o Ministério Público e os sindicatos. Não podemos, também, permitir que nos individualizem, como se fosse cada um por si, achando que com a indenização todos ficariam protegidos por um período. Sabemos que um companheiro de fábrica tem mais problemas que outro. E que o emprego nos une e nos protege contra o subemprego e a pobreza.

Nenhum operário consciente pode abrir mão do emprego por maior que seja a indenização. Já devíamos, desde o primeiro dia, ter ocupado a fábrica. Assim, nossa luta contra o fechamento da Ford estaria firme.

Companheiros da Ford, **não existe nada mais necessário e concreto do que ocupar a fábrica, antes que seja tarde demais.** Temos de exigir que as direções sindicais preparem imediatamente nosso movimento de ocupação.

O Boletim Nossa Classe tem apoiado e defendido a luta dos metalúrgicos da Ford, com as bandeiras: Ocupar a fábrica fechada, impor o controle operário da produção e exigir que o governo estatize a montadora, sem pagar nenhum tostão para ela, sem fazer nenhuma indenização aos capitalistas. O Boletim Nossa Classe defende que as assembleias constituam comitês de base para percorrer as fábricas vizinhas em defesa dos empregos e da estatização. Trabalha para que o movimento convoque assembleias populares nos bairros e formem os comitês para unir empregados e desempregados. Assim, nosso movimento se fortalecerá com o apoio ativo e participação de outras fábricas e dos bairros operários.

NOSSA LUTA É PELA ESTATIZAÇÃO DA FORD, SEM NENHUMA INDENIZAÇÃO DO GOVERNO

A estatização é uma medida que o governo pode tomar contra o fechamento das fábricas. Assim, a Ford passaria do controle privado do capitalista para o controle nacional do Estado.

Sabemos que não há interesse do governo Bolsonaro e dos governadores, Doria/SP, Rui Costa/BA e Camilo Santana/CE, em atacar os interesses da montadora, para defender os empregos. Está aí por

que a defesa da estatização e dos empregos é uma luta política da classe operária, tanto contra a multinacional exploradora, quanto contra os governos burgueses, que protegem os interesses dos capitalistas.

Ninguém vai defender os empregos, a não ser nós mesmos da classe operária. Nossa luta pela estatização, em defesa dos empregos, depende de organizar um amplo movimento da classe

operária. E esse movimento tem de começar por nós mesmos. A primeira medida a ser tomada é a de aprovar na assembleia a luta pela estatização, sem que o governo indenize com um só centavo a Ford.

O Boletim Nossa Classe vem defendendo a ocupação da fábrica e controle operário da produção, como meios de luta concretos para exigir do governo a estatização da fábrica.

É necessário lutar pelo controle operário da produção

Em nossas assembleias, as direções dos sindicatos mostraram que a Ford e demais montadoras receberam bilhões de reais de incentivos dos governos. Isso quer dizer que lucraram muito, com a nossa exploração e com o dinheiro público. Somente essa informação é suficiente para que a Ford seja estatizada, sem indenização.

Mas nenhum governo que aí está vai enfrentar a poderosa multinacional. Por isso, o **Boletim Nossa Classe** diz que tudo depende de nós mesmos, ou seja, da classe operária. A ocupação da fábrica é uma medida para que o seu controle passe das mãos dos capitalistas da Ford para nossas próprias mãos. Com a ocupação e a formação de comitês de fábrica, começamos a ter o controle operário da produção.

Uma das primeiras medidas será abrir a contabilidade

da montadora para mostrar a toda a classe operária quanto ela lucrou e quanto encheu os cofres de sua matriz nos Estados Unidos. É assim que vamos saber o verdadeiro montante de recursos que o Estado brasileiro deu às montadoras. O controle da produção depende e começa com as ocupações das fábricas. Somente assim podemos descobrir exatamente os segredos comerciais da empresa que fecha e nos demite.

O Boletim Nossa Classe tem feito uma campanha firme e sistemática em torno das bandeiras de: Ocupação, Controle Operário e Estatização. Essa é a luta concreta que pode reverter o fechamento da Ford e garantir não só nossos empregos, mas também os milhares de empregos que estão sendo destruídos em todo o país.

POSIÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA DIANTE DA CHAMADA DESINDUSTRIALIZAÇÃO

O fechamento da Ford provocou a discussão sobre a desindustrialização no Brasil. Estudos mostram que somente no estado de São Paulo foram fechadas 4.451 indústrias em 2015. Entre 2015 a 2020, foram fechadas 36.600 empresas no Brasil. Somente em 2020, 5.500 fábricas cerraram suas portas. Os empregos na indústria já vinham caindo dia a dia, durante décadas. E o desemprego geral superou os 14 milhões. Mais da metade da força de trabalho está desempregada ou subempregada.

Como se vê, as demissões em massa e o crescimento do desemprego é o principal problema para a classe operária. O fechamento de fábricas é uma medida tomada pelos capitalistas, a despeito das necessidades dos explorados. É desse ponto que a classe operária deve se colocar diante da chamada desindustrialização. Ou seja, começamos lutando contra o fechamento de fábricas e contra qualquer demissão nas fábricas que continuam funcionando.

As direções sindicais estão dizendo que devemos lutar por uma “política industrial”. Explicam que a desindustrialização é consequência da falta dessa política industrial de desenvolvimento nacional. Essa explicação não condiz com a verdade. O fechamento de fábricas e a diminuição de empregos resultam da crise de superprodução capitalista. Basta ver que a indústria automobilística tem capacidade para produzir 5 milhões de carros por ano, mas só vende 2 milhões e 500 mil unidades. Isso se passa em toda a indústria, dominada pelos monopólios internacionais.

Os principais motivos da crise de superprodução são: 1) pobreza e miséria da maioria da população; 2) gigantesco desemprego e subemprego; 3) necessidade das empresas de se renovarem constantemente, com novas tecnologias, aumentando assim a capacidade de produção.

A luta da classe operária, portanto, não consiste em defender que um novo governo burguês tenha uma política industrial desenvolvimentista. A nossa luta é para acabar com a propriedade privada dos meios de produção, expropriando os capitalistas por meio da revolução proletária e de um governo operário e camponês. É certo que o nosso problema no momento se concentra na luta contra o fechamento da Ford e a defesa dos empregos a toda a classe operária.

Está aí por que o Boletim Nossa Classe vem insistindo e repetindo que a defesa dos empregos na Ford exige a ocupação da fábrica, o controle operário e sua estatização. As direções sindicais que estão negociando as indenizações não estão lutando contra o fechamento da Ford. Está aí por que vêm com a conversa de que devemos eleger um novo governo, que tenha uma política industrial para o Brasil. Devemos rejeitar essa farsa, e lutar contra o fechamento da Ford e de qualquer outra fábrica com nossos métodos próprios de luta. Devemos também defender a redução da jornada de trabalho, sem reduzir os salários, estabilidade no emprego e escala móvel das horas de trabalho (dividir as horas nacionais trabalhadas entre todos aptos ao trabalho).

Que as centrais sindicais convoquem imediatamente um dia nacional de luta pelos empregos, salários e saúde pública

O Boletim Nossa Classe vem defendendo que as centrais sindicais organizem um movimento nacional em defesa dos empregos, salários e saúde pública. O fechamento da Ford e, recentemente, de uma planta da Mercedes é o ponto de partida para defender a estatização das fábricas fechadas, readmissão dos trabalhadores, criação de frentes de trabalho em obras públicas emergenciais, ocupação de fábricas e controle operário da produção.

As centrais, sindicatos e movimentos têm a obrigação de constituir uma frente única de luta em defesa dos empregos, salários e saúde pública. Diante da pandemia, exigir a vacinação universal, começando pelos bairros pobres e miseráveis.

O Boletim Nossa Classe defende a unidade de todos os trabalhadores, empregados e desempregados, contra as demissões e o desemprego. Defende que as centrais convoquem assembleias em todo o País, que os sindicatos constituam os comitês de base e que organizem manifestações, a começar imediatamente por um dia nacional de luta.